

NO TEMPO DAS PESSOAS

*Gaudêncio Amorim

Ninguém muda ninguém. O máximo que se pode alcançar é motivá-lo à mudança. Também ninguém muda sozinho e, quando mudam, não o faz pelos outros, mas por si mesmo. É possível que estas verdades sejam inequívocas, embora passíveis de contradições, conforme circunstâncias distintas. E como compreendê-las em tempos que a mudança exige pressa? Ou mudamos nossos hábitos ou apressamos carregá-los para a tumba. Não nos parece um caso de “salve-se quem puder”, mas salvos aqueles que desenvolverem hábitos de mudança para um “novo normal”.

Quando iniciei escrever esta reflexão fui ler o livro “**O Poder do Hábito**”, de Charles Duhigg (2012), mas não sabia o quanto aquela literatura poderia me ajudar sobre a resistência das pessoas para mudar seus hábitos cotidianos diante de um desafio quase mundializado para a preservação da própria vida, imposto pela pandemia da COVID-19, exceto duas afirmações: a primeira de Willian James (1842-1910) contida no prólogo, de que *“toda vida, na medida em que tem forma definida, não passa de hábitos – práticos, emocionais e intelectuais, sistematicamente organizados para nossa felicidade ou nosso sofrimento e nos conduzindo irresistivelmente rumo ao nosso destino, qualquer que seja ele”* (pag. 284) e a segunda, que *“bons líderes aproveitam crises para reformular hábitos organizacionais”* (pag. 191)

Quando a China atingia o pico da Pandemia, na 1ª quinzena de março, a Itália, Alemanha e Espanha sinalizam um relativo descontrole e o mundo, atônito e perplexo, temia um colapso irreversível enquanto, no Brasil, país colocado no 14º lugar no ranking, o fenômeno começava a se arraigar nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Brasília, tratados como “uma gripezinha” e o desdém de autoridades, além de uma parcela da sociedade que julgava imune, dividindo-se entre a especulação galhofa e a literal ausência de cautela para impor limites ao crescimento que, lento e gradual, foi se corporificando do litoral para o interior do Brasil.

A pergunta natural é por que aqueles países, tão atingidos pela pandemia, conseguiram controlá-la em tão pouco tempo e o Brasil, que desde janeiro sabia da existência daquele fenômeno na Ásia e na Europa, deixou se contaminar de tal forma para se tornar o 2º país do mundo mais acometido pela doença? Como isso é possível?

Como todo brasileiro, que arrisca ser técnico de futebol sem qualquer vínculo contratual com o clube, arrisco algumas respostas, mas sem impô-las como verdades absolutas, talvez, encontradas por evidências óbvias, as quais parecem não depender de nenhum especialista. Naqueles países existe **uma maturidade das lideranças políticas, absolutamente competentes para apontar caminhos sem produzir escândalos ou confusões gratuitas**; Conseguem se alinhar num alto nível de civilidade capaz de impor trégua ao jogo político, estabelecendo o *fair play*, mediante esforços de nação; Tratam o inimigo invisível com seriedade e respeito; Antecipam as cautelas e as orientações sociais num plano de Nação, sem politização do vírus; acatam as recomendações científicas, sem especulações de poder; possuem razoável infra estrutura hospitalar; Prioriza o planejamento técnico-governamental estratégico; A transparência das informações favorece a disciplina da sociedade para respeitar os isolamentos nas mínimas quarentenas, como pedágio necessário e não escolha ao livre arbítrio individual, entre outros aspectos que leitor poderá acrescentar. É provável que, no caso do Brasil, quase nenhuma destas respostas sejam aplicáveis ou



Imagens da Pandemia da Gripe espanhola, (1918-1920) segundo Lucia Voltan, 2020 [grupo de watap,IHG, 25/05/20]

Este exemplo que vem de fora é uma lição de mestres. Esta distinção expõe o Brasil a uma marcha cega rumo ao precipício, talvez porque nossas lideranças oficiais tenham se ocupado mais em alimentar as labaredas do poder em detrimento de um plano estratégico capaz de apontar caminhos à superação da principal e maior crise sanitária de nossa história. Desorganizados no alto da pirâmide política, eles têm arrastado a sociedade para uma duradoura “torre de babel”, dividida por interesses distintos, alheia à verdadeira guerra e resistente à aprendizagem de novos hábitos para um “novo normal”, como um simples isolamento de 15 dias ou o simples uso de máscara, como já aconteceu durante a gripe espanhola, entre os anos 1918 a 1920.

A despeito da dificuldade de se respeitar a quarentena, o que temos assistido são ataques às pessoas, às vezes, pelos próprios líderes, alguns mais radicais a ponto de proclamar suas empáfias em “verdades” como “pau que nasce torto, morre torto”, cuja metáfora não deveria ser aplicável às pessoas, quiçá, apenas ao pau e como



se as pessoas não fossem suficientemente inteligentes para alterar suas rotinas, quando pedagogicamente motivadas e racionalmente orientadas. É provável que algumas sejam mais complexas, entretanto qualquer líder orgânico dever conhecer seus liderados e saber disseminar entre eles a arte da persuasão com a soberania, inclusive, para ensinar aos mais

resistentes, um novo conhecimento ético pela “regra de outro” num novo estágio de elevada civilização. As crises são desafios a serem vencidos, mas também são oportunidades para novas aprendizagens e crescimento coletivo.

É preciso ponderar que a sociedade foi tomada de surpresa e não estava pronta para ofertar mudanças bruscas, apesar da imperiosa necessidade; as pessoas não são perfeita e nem acabada para dar respostas mecânicas e estanques, conforme requer a nova realidade. Já é bastante angustiante presenciá-las no doloroso martírio diante de perdas irreparáveis para a pandemia, em alguns casos, um alto preço pela intransigência de se exporem a aglomerações voluntárias, numa tormentosa aprendizagem pelos próprios erros.

Como escreveu Charles Duhigg, “*bons líderes aproveitam crises para reformular hábitos organizacionais*” (pag. 191). As pessoas não mudarão seus hábitos pelo governo, mas o governo pode influenciá-las a mudar, desde que consiga demonstrar os riscos eminentes dos velhos hábitos passando a construir uma nova consciência, que pode figurar entre o limite para superação do caos e a permanência da dor. Quando as pessoas se conscientizam da necessária mudança, o educador Paulo Freire (In: Cartas à Cristina, 1994) nos ensina: “**A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se,**

mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.” É este estágio que a consciência vislumbra alcançar: quando governo e sociedade unem seus esforços, não existem desafios maiores do que suas próprias forças.

As pessoas mudam no tempo delas e líderes de *virtu* (no dizer de Maquiavel) se valem também das crises para construir mudanças e hábitos saudáveis administrados com estratégias e não por imposições. Se os governos têm que reiterarem constantes lockdown (isolamento arbitrário) é porque a quarentena espontânea ainda não alcançou a consciência das pessoas para mudar suas rotinas ou porque o governo ainda não foi eficiente e eficaz para motivá-las a mudarem. Elas não mudam por vontade de outrem, mas também são incapazes de mudarem, sozinhas.

Neste particular, a esperança resta desenhada nas raias do novo porvir, seja porque as pessoas, diante das tragédias que se estremecem nos arredores, são forçadas a mudarem seus hábitos, seja porque, num estágio de consciência mais elevado, sabem que precisa mudar, seja porque os líderes da nação se conscientizaram da necessária trégua na luta pelo poder e aprenderam com o exemplo sociocultural e político das nações civilizadas (em termos de educação e política) para reconstruir um plano estratégico de enfrentamento da pandemia e com ele, métodos de motivação das pessoas, numa linguagem de paz e esperança ou então precisamos desejar, com todas as forças e recursos, **a existência breve de uma vacina**, capaz de imunizar o vírus. Em quaisquer das alternativas, tudo acontecerá ao seu tempo e isso não será diferente com as pessoas.

***Gaudêncio Filho Rosa de Amorim:** Poeta, escritor e compositor filiado a União Poxorense de Escritores – UPE e ao Instituto Histórico e Geográfico de Poxoréu – MT, autor do livro *Prefeitos de Poxoréu, Biografia* (2016) entre outros.